

morte:

a mancha negra do corpo, sobre a cama
as mãos que o tempo, anónimo, fixou.
No quintal, os carpinteiros juntam prancha a prancha com o som
enquanto os cães
esperam a fome, cheios de paciência.
Lá dentro, o morto desenha o esquecimento
e a casa fica impenetrável.
Contra a porta, o vento
junta folhas, terra, vespas secas.
O vento e o seu gume.
Os corvos na lixeira retomam a guerra
em curtos voos que a fome desorganiza.

metamorfose:

uma criança treme, neste lugar prestes a explodir.
Carrega o silêncio de um eco, a incerteza
de uma voz que se abriga na sua miséria
e lhe diz: faça-se. Para que a fome não desapareça.
E alimente o caminho
até à queda.
:
Uma criança atravessa o jardim das tílias:
frente ao rio, o desenho fixa o clamor.
De profundis clamavit.
É assim Dresden, ao anoitecer,

reflectida nos olhos de todos os mortos.
Deste. Dos outros. Que a estrada recolheu na sua berma.
Sob as árvores, os corvos esperam que tudo passe. E se perca.
Na violência de um nome.
De milhares de nomes.
O mesmo.
Que se repete.
:
Uma criança atravessa
o mapa incerto da noite.
E torna-se um carrasco.

muro:

morto. No charco, nas árvores
apodrece o dia. Na erva. Brutal
a gadanha, verme cheio de pressa,
semeia o bolor no pão da manhã:
a carraça da luz concentrou a fome
no alimento sobre a mesa.
E o pobre afasta-se da porta
com vidro moído nos passos.
:
negros os pássaros rasuram a casa.
No muro, respira
o informe silêncio da morte,
corpo após corpo resvala a trepadeira.
Incandescente.

partida:

procura. Um gesto procura. A luz.
Nas leiras, a terra endureceu, esmagou as raízes
e o ar tornou quebradiços os troncos das faias.
No cais, a criança estende os braços para o vento. E corre :

a memória de outros passos é um animal que não pode morrer.
Ela não sabe que a sua corrida é inútil,
que não há um fim para a morte:
como um lobo paciente, o cais
percorre o silêncio interminável dos predadores
:
pontes atravessam linhas. E perdem-se.
Todos os pontos são de fuga. Todas as pontes.
Vozes e vultos confundem-se.
Junto à linha férrea, anda uma criança.
Deixou para trás um espião,
uma casa desabitada, com a sua transparência.
E, aflita, pergunta.
Alguém responde.
Alguém.
E reata-se o sentido mais frágil:
qualquer voz tem a mudez tão perto.
:
rasgão a rasgão, o caminho abre-se.
Mas que sabe ela de cada novo passo?
Como a libélula ressequida pelo sol,
a palavra inicial tornou-se um invólucro
que só lhe devolve o medo.
Pai, pai: grita. Para esgotar todos os nomes da morte.
Pai, porque me abandonaste?
:
afasta-se, por uma noite sem Deus.
Ansiosa, procura
entre coisas, uma pausa, entre bichos diligentes,
o sentido de uma fuga, uma raiva que dê
à pedra a sua pedra,
ao caminho o seu caminho,
e destrua a película que encerra
o eco de um desmoronamento, a ruína
sob a indiferença irradiante.

levanta-te e caminha:

as manhãs de domingo empurram o vento
para o interior das casas.
E fico só. Com o teu nome que se recusa,
até o passado se tornar inalcançável.
Nesta pausa, o corpo reinicia a grande desavença.

:

As manhãs de domingo são atalhos de silvas:
deixam-me na boca o sarro da traição, a matéria
da brutalidade, o golpe
que o insulto refaz continuamente:

passam: e cospem,
não sabem: e cospem.

Até eu cair.

Mas o passeio rejeita-me.

E levanto-me.

Cumpro a ordem escondida em todas as quedas.
É uma ordem contra o sentido. Uma ordem
para me perder. Só o teu nome me acompanha.
Como uma pulsação. Ou um vitelo cheio de muco
acabado de nascer.

Deus. Ou o trabalho das térmitas:

Há uma letra que não pertence.

Uma letra errante.

Que.

Percorre todas as palavras,
torna-as impronunciáveis:
e o estranho fica nítido.

Há uma letra que chama:

noite a qualquer rosto

frio a qualquer riso,

uma letra que se repete

até a dor se transformar num pequeno verme.

E ser esse o nome do homem.

:

O corpo é um exercício do medo.

visitação:

dedos ossudos, compridos e tortos, de pele engelhada nas articulações, dedos como gordas lombrigas, tamborilavam na flanela das calças. E o som desse galope esmagava-lhe a voz, transformando-a numa pasta de lama. Eu, sentado no tamborete, braços contra o peito, cotovelos fincados nas costelas, mãos no veludo ruço do assento, ouvia aquele murmúrio interminável: sons destruídos que se colavam uns aos outros, numa espécie de frase ininterrupta. E via os dedos no seu galope. Ora rápido, ora lento. Por vezes, paravam, e o murmúrio transformava-se em duas palavras secas, repetidas: não confies, não confies, não confies. O meu pescoço retesava-se, os maxilares cerravam-se e os dentes rangiam. «Acaba com isso». Mas eu não conseguia acabar. Estava para ali sentado, num quarto que a tarde escurecia, na angústia do momento em que as palavras ressurgiriam, limpas como uma bofetada. Por fim, meu pai levantava-se, uma sombra crescia até ao tecto, mãos enfiavam-se-me debaixo dos braços. E erguiam-me. Talvez quisessem arrancar-me a esse lugar do tamanho dos pés, onde encontrara abrigo. Mas não. Resvalavam ao longo do meu corpo, paravam um instante nas ancas, puxavam os calções para cima. E desapareciam. Eu ficava abandonado, com um corpo incerto, de um peso incerto, que deslizava todo para um ombro, ou para uma perna, ou para os joelhos, ou para os lábios. Um peso como um balanço de agonia. «Vai-te embora». E a mão esmagava-se no meu peito, empurrando-me para trás. Eu recuava, aos tropeções, passo a passo, num tacteio, até bater com as costas na parede e resvalar por ela, a chorar. A chorar.

— Maricas. És um maricas.

a morte transforma os corpos em nomes.

Imensos.